



## OS LEITORES E AS LEITURAS DA OBRA DE STEFAN ZWEIG NO BRASIL

Adelaide Stooss – Herbertz\*  
Universidade Federal do Paraná – UFPR  
[adelaide@stooss.pro.br](mailto:adelaide@stooss.pro.br)

**RESUMO:** *Os leitores e as leituras da obra de Stefan Zweig no Brasil* é um estudo da recepção da obra *Brasil, país do futuro* pelos leitores brasileiros, bem como da crítica e uma reflexão sobre a atualidade desta obra. Para analisarmos o papel do leitor na construção de sentidos para o texto partimos da compreensão que o próprio autor tinha do leitor e da leitura e de conceitos desenvolvidos pela estética da recepção. Esta reflexão sobre o papel do leitor procura incluir o ensaio no conjunto de obras do autor, sugerindo a presença do imaginário na imagem do Brasil nela constituída.

**ABSTRACT:** *Readers and Readings of Stefan Zweig in Brazil* is a study of reception on *Brazil, land of the Future* for Brazilian readers and literary critics, as well as make a reflection about actuality of this work. For the analyses of the reader's role in the sense building of the work, we begin with the author's understanding about reader, reading and the Esthetic of Reception concepts. This reflection about the reader's role seeks to include this essay, as a literary text, in the complet work of the author, as soon as this text suggests the presence of the imaginary concept in Brazil's image created.

**PALAVRAS-CHAVE:** Stefan Zweig – Teoria da Recepção – *Brasil, país do futuro*

**KEYWORDS:** Stefan Zweig – Reception Theory – *Brazil, land of the future*

E, de repente, meu olhar ficou preso a algum objeto. Descobrira que o bolso lateral de um dos sobretudos estava um pouco saliente. Aproximei-me, e pela forma retangular da saliência julguei reconhecer o que o bolso inchado escondia: um livro! Os joelhos começaram a tremer-me: um LIVRO! Há quatro meses eu não pegava num livro, e já a simples idéia de um livro onde se poderiam ver palavras uma ao lado da outra, linhas páginas e folhas, um livro no qual se poderia ler, acompanhar, colher e gravar pensamentos diferentes, novos, alheios, que

---

\* Graduada em Letras (Português e Alemão) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Mestre em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Doutoranda em Estudos Literários pela mesma instituição. Atualmente, é professora na *Freie Evangelische Schule Zürich*.

distraíssem, tinha algo que inebriava e ao mesmo tempo aturdiava... Apalpei o tecido e através dele senti, com efeito, alguma coisa retangular, alguma coisa flexível e que estalava levemente – um livro! Um livro! E, como um relâmpago, surgiu a idéia: ‘Rouba este livro! Talvez consigas, e poderás escondê-lo no quarto, e depois ler, ler, ler, finalmente ler de novo alguma coisa!’<sup>1</sup>

A passagem acima citada é um dos momentos mais comoventes para o leitor da novela *Xadrez*. A personagem principal Dr. B sofre com uma estranha forma de tortura aplicada aos inimigos pelos nacional-socialistas, quando de sua ascensão ao poder na Alemanha antes da Segunda Guerra Mundial, com a intenção de arrancar deles informações preciosas. A tortura consistia em trancar tais pessoas em um quarto e deixá-los à mercê do nada, nenhuma janela, nenhum papel, nenhum movimento, apenas o vazio que exercia lentamente seu papel de torturador psicológico levando os acusados ao desespero ou à loucura. A solidão só era interrompida pelos interrogatórios bem planejados de forma que os acusados passavam todo o tempo após um interrogatório remoendo o que haviam falado até perder a noção do dito e do não-dito. Depois de quatro meses totalmente abandonado nesta prisão Dr. B se agarra ao livro, encontrado no bolso de um casaco na sala onde aguardava o interrogatório, como a uma tábua de salvação. Neste momento o livro adquire para ele uma aura sagrada, a quebra da inércia, a qual foi submetido, o fim da tortura, uma esperança de sobreviver e de não se entregar à insanidade daquele processo.

Dr. B rouba o livro, é claro, e ao chegar novamente em sua câmara de tortura não o lê imediatamente, delicia-se com o simples fato de possuir um livro, imagina que livro será esse, e é neste momento que conseguimos compreender melhor a personagem e sua situação. Dr. B esperava que o livro fosse impresso em letras miúdas, e que contivesse muitas letras e muitas folhas bem finas, e mais, esperava encontrar entre as capas uma obra que exigisse esforço de seu espírito, poesias de preferência, um Goethe ou Homero. Aquele tipo de tortura era escolhido para pessoas como Dr. B, acostumadas não ao esforço físico, mas a um esforço de espírito. Suas expectativas em relação ao

---

<sup>1</sup> ZWEIG, Stefan. **Amok e Xadrez**. Tradução de Odilon Galloti. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 134.

livro estão impregnadas de suas experiências de leitura. A decepção vem a seguir, o livro é um manual de xadrez, “um absurdo”, como pensa a personagem. Porém, à medida que lê as 150 partidas, o que a princípio lhe parecia uma espécie de álgebra ( $a^2 - a^3$ ,  $Cf1 - g3$ ) adquire sentido, ele descobre ali o tabuleiro, a posição das peças e as jogadas, abre-se um novo horizonte, um novo mundo até então desconhecido. Sua extrema capacidade de abstração o leva a jogar partidas imaginárias, aprende a premeditar as jogadas, combinar e retrucar.

Resta-nos uma pergunta: seria Dr. B o leitor ideal? Enquanto procurava compreender o livro encontrado, isolado de qualquer contexto, apenas em contato com o texto roubado, Dr. B viveu o processo de leitura em todas as suas fases. Precisou ver, identificar signos até então desconhecidos, memorizar, atribuir-lhes um sentido, fazendo relações com aquilo que ele próprio conhecia sobre o jogo de xadrez, para então gostar do que estava lendo, interpretar e aplicar.

### **A leitura e o leitor na compreensão de Stefan Zweig**

Em 1936 o Brasil recebeu de braços abertos o autor austríaco Stefan Zweig, já então conhecido mundialmente. Entre suas obras encontram-se dramas, poesias, dois romances e, em especial, novelas, biografias e ensaios. A paixão dos brasileiros pelas suas obras data já de anos anteriores ao da sua visita. Para termos uma idéia de sua repercussão aqui no nosso país, retomamos o depoimento do professor Antonio Candido de Mello e Souza citado por Alberto Dines em seu livro *Morte no paraíso*, onde comenta que Zweig era tema do primeiro artigo do jornal literário *Ariel* do Ginásio de Poços de Caldas, interior de Minas Gerais. No referido artigo o autor José Bonifácio de Andrada e Silva dizia “É Zweig? Então lerei!”. Era o ano de 1934. Zweig era tema constante da imprensa nacional nas décadas de 30 e 40 e um dos autores, apesar de estrangeiro, mais lidos no país. A fim de compreendermos a recepção das obras de Stefan Zweig no Brasil, partimos em primeiro lugar da compreensão que o próprio autor tinha da leitura e do leitor.

Stefan Zweig tematizou e refletiu a questão do livro, da leitura e do leitor. No ensaio *O segredo da criação artística*, Zweig compara a obra de arte ao elemento feminino “A obra de arte não se entrega ao primeiro olhar; como a mulher, quer ser

primeiro cortejada, para depois ser amada”.<sup>2</sup> Na imagem sugerida por Zweig, a da obra de arte que como a mulher quer, antes de ser amada, ser cortejada, o leitor assume função essencial. O verbo querer indica dentro da frase o elemento ativo, a mulher ou, conforme indica a comparação, a obra de arte, enquanto os verbos ser cortejada e ser amada indicam sua passividade, uma ação que ela deseja sofrer. Se nos perguntarmos agora quem é então o agente dessa ação chegaremos, no caso da mulher à figura do homem e, no caso da obra de arte, conforme indica a continuação do texto de Zweig, àquele que procura compreendê-la, o leitor. Para Zweig o leitor era chamado a participar, precisava cortejar, procurar compreender.

Décadas mais tarde o conceito de leitura será objeto de reflexão de vários autores. Vicent Jouve em seu livro *A leitura* retoma o conceito trabalhado por Wolfgang Iser, da leitura como uma interação produtiva entre o texto e o leitor. Este está ao mesmo tempo “orientado” e “livre” no decorrer da leitura. Ao mesmo tempo que o texto pede a participação do leitor ele, a partir de mecanismos variados, pode orientar este leitor.

Em outro ensaio, *O livro como entrada para o mundo*, Zweig reflete sobre o efeito do impresso sobre o sujeito leitor e o mundo em que vive. A reflexão parte da história de uma viagem. No navio, Zweig conhece um rapaz, que depois de alguns dias lhe pede para ler uma carta em voz alta. Perplexo Zweig constata que o rapaz é analfabeto e tenta imaginar-se neste papel. Neste processo de pensar-se no papel do analfabeto descobre que seu “eu” se desvanecia quando procurava eliminar o que recebera dos livros, momento em que “[...] desvendou-se de modo decisivo para ele, em que profunda e criadora forma o mundo íntimo está entrelaçado com o outro visível e ao mesmo tempo invisível dos livros”.<sup>3</sup>

Os textos acima citados demonstram uma preocupação com a literatura e a questão da leitura e compreensão. Numa de suas últimas cartas redigidas Zweig fala da situação de exílio, das perdas que isto representa, entre outras, a do seu público leitor, os falantes de sua língua materna e as dificuldades de adaptar-se ao novo público e em especial dos efeitos do exílio em sua obra.

Em meu trabalho propriamente dito estou paralisado devido ao sentimento inconsciente de não possuir mais um público leitor certo.

---

<sup>2</sup> ZWEIG, Stefan. **Encontro com homens, livros e países**. Tradução de Odilon Galloti. Rio de Janeiro: Guanabara, 1953, p. 232. (Obras Completas)

<sup>3</sup> Ibid., p. 282.

Quando em minha autobiografia eu precisava dizer algo, por exemplo, sobre Hofmansthal ou Beer-Hofmann, precisava lembrar-me de que na língua em que o livro será editado ninguém sabe nada sobre eles... Me faltam as expectativas do público, me falta um editor, que como antigamente me estimule, ou os livreiros, que me perguntavam: ‘e quando sairá seu próximo livro?’ Nisso estava concentrada uma energia de milhares de perguntas e eu tinha a responder.<sup>4</sup> (Tradução nossa)

As preocupações que, para Stefan Zweig, se evidenciaram com a experiência do exílio apontam para uma dimensão que predominará nos estudos literários décadas mais tarde, principalmente nos anos 1970. O texto é considerado a partir de então em relação ao seu receptor: o leitor. Reconhece-se como marco inicial da corrente da estética da recepção a aula inaugural apresentada por Hans Robert Jauss em 13 de abril de 1967 na universidade de Constança, publicada posteriormente, sob o título *A história da literatura como provocação da ciência literária*. Em suas reflexões, Jauss parte da constatação da decadência da história da literatura (Literaturgeschichte) tradicional, apoiada na idéia de que a qualidade e a categoria de uma obra resultam das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, idéia já condenada ao fracasso pelo estruturalismo nos anos 60. Após constatar as orientações desta historiografia, Jauss propõe uma inversão metodológica na abordagem dos fatos artísticos: sugere focalizar-se a recepção e o efeito produzido pela obra.

Como já analisou Regina Zilberman o conceito de leitor para Jauss está baseado em duas categorias: primeiramente a do horizonte de expectativa, as experiências estéticas anteriores, ou seja, compreensão prévia do gênero, a forma e temática de obras anteriormente conhecidas e a oposição entre linguagem poética e linguagem prática e, em segundo lugar a categoria de emancipação, entendida como o efeito alcançado pela arte.

Na mesma época Wolfgang Iser afirma teses semelhantes em seu texto *A estrutura apelativa dos textos* em 1970. Neste e em outros textos Iser desenvolve o que dentro da fenomenologia designado ‘estética do efeito’. Na sua compreensão a leitura é um processo dinâmico entre leitor e texto e cada momento da leitura envia à memória um estímulo mais ou menos claro, para que através da presentificação retentora, as perspectivas textuais sejam ativadas enquanto tais, de modo que se diferenciem e se modifiquem mutuamente. Leitor e autor participam de um jogo de fantasia cujas regras

---

<sup>4</sup> FRIEDENTHAL, Richard. (Hrsg.). **Zweig, Briefe an Freunde**. Frankfurt: Fischer, 1978, p. 340.

são ditadas pelo próprio texto. Cada momento de leitura resulta em diferentes sentidos. A leitura é assim um ato constante de construção, no qual se refazem os espaços em branco (Leerstellen) do texto, abertos à interação. O preenchimento destes pelo leitor permitem a comunicação, explicando uma relação constante entre o novo e a repetição. Iser apresenta um leitor de duas faces, o real, do qual exige-se a capacidade de memorização, o interesse, a atenção e a competência, e um leitor implícito, construído dentro do texto.

O ponto de encontro entre Iser e Jauss está na idéia do repertório resultante das decisões seletivas, que integram fragmentos de literaturas anteriores, normas de realidade social e histórica. Stefan Zweig, pelo seu sentimento de perda de seu público leitor europeu e das condições de produção habituais, vê aguçada em si mesmo a consciência sobre a importância desses elementos.

O leitor é um elemento ativo no processo de leitura, aquele que como Dr. B em *Xadrez* procura compreender mesmo o texto que a princípio parece incompreensível. O leitor real brasileiro surpreende o autor em relação à obra *Brasil, país do futuro*, a primeira escrita e editada durante o exílio no Brasil. Este leitor se revela um estranho, com um horizonte de perspectiva muito diverso ao do leitor europeu. O estranhamento é percebido nas duras críticas da época e coloca o autor em conflito, como lemos na carta escrita a Richard Friedenthal. Ao falar da falta de um “público certo” Zweig não se refere certamente à falta de leitores e sim à falta de compreensão destes leitores em relação aos seus textos. O novo público com um repertório de leitura diferente e com um horizonte de expectativa diferente dificulta também a produção a ponto do autor sentir-se paralisado. O público brasileiro não substitui o público europeu, é necessário recomeçar, integrar-se à realidade deste novo leitor para enfim ser por ele compreendido.

### **O leitor real e as leituras da obra de Stefan Zweig no Brasil**

Vejam os a seguir o leitor real, ou empírico na terminologia de Umberto Eco, e a recepção das obras de Zweig no Brasil, entre as quais se destaca para o público brasileiro o ensaio *Brasil, país do futuro*, não apenas por manter como objeto de escrita o Brasil, mas também por se manter atual mesmo mais de meio século depois de seu lançamento. A obra gerou polêmica na época de sua primeira edição no Brasil.

Procuraremos reconstruir o panorama da recepção desta obra a partir de pesquisas realizadas em jornais da época e de uma bibliografia secundária selecionada, compondo em partes o horizonte de expectativas do leitor.

Os primeiros contatos do autor com o Brasil foram através de seu editor brasileiro, Abrahão Koogan, então sócio da Editora Guanabara. A primeira carta está datada de 11 de junho de 1932. Segundo pesquisas realizadas<sup>5</sup> a Editora Guanabara não foi a primeira a editar as obras de Zweig, o público já as conhecia há mais tempo. Consta que um agente literário havia vendido os direitos autorais de Zweig à Editora Globo de Porto Alegre e desaparecido. Também a Editora Pongetti havia editado vários livros do autor com os mesmos tradutores da edição *Obras completas* da Editora Guanabara. Várias destas edições piratas, como citadas por Alberto Dines, haviam esgotado nas livrarias. Zweig havia sido informado em 1932 deste sucesso e entregou então os direitos autorais à Editora Guanabara. Quando Stefan Zweig, em 1936, chegou pela primeira vez ao Brasil a convite da editora, 28 obras circulavam no mercado brasileiro.<sup>6</sup> Ele permaneceu nove dias no Rio, onde realizou conferências na Academia Brasileira de Letras,<sup>7</sup> no Instituto Nacional de Música, no Ministério de Relações Exteriores, sempre com salões lotados. Dirigiu-se também a São Paulo de onde partiu para Buenos Aires onde foi o representante da Áustria no Congresso Internacional do PEN-Club realizado naquele ano. Da passagem pelo Brasil resultou o ensaio *Pequena viagem ao Brasil (Kleine Reise nach Brasilien)*, publicado primeiramente no jornal Pester Lloyd em Budapeste e editado em 1937 numa coletânea de ensaios sob o título *Encontro com pessoas, livros e cidades (Begegnung mit Menschen, Büchern, Städten)*.

Ao falar do mercado de livros da época Abrahão Koogan comenta que este ainda não estava tomado pelos bestsellers americanos. Editava-se, além dos autores brasileiros, os europeus, em especial os franceses. Nos anos 1930 três autores dominavam o mercado de romances históricos e biografias: André Maurois, Emil Ludwig e Stefan Zweig. Os três eram editados no Brasil, porém Zweig alcançava o maior número de leitores.<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> Cf. DINES, Alberto. **Morte no paraíso**. A tragédia de Stefan Zweig. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 44.

<sup>6</sup> SCHWAMBORN, Ingrid. (HG.). **Die letzte Partie**. Bielefeld: Aisthesis Verlag, 2000. p. 69.

<sup>7</sup> Sessão de Reabertura da Academia – Homenagem a Stefan Zweig. **Jornal do Comércio**, São Paulo, 4 abr. 1942

<sup>8</sup> SCHWAMBORN, 2000, op. cit., p. 31

Moacyr Scliar atribui o sucesso incomum de Stefan Zweig ao seu estilo agradável e complementa: “Os leitores eram atraídos sobretudo pelas narrativas envolvendo conflito de paixões (*Amok*, *Carta a uma desconhecida*, *Vinte quatro horas da vida de uma mulher*) que, numa época de severa repressão, desempenhavam um papel catártico”.<sup>9</sup>

Como personagem pública, mundialmente conhecida, Stefan Zweig foi severamente criticado em 1935 quando a ópera *Die schweigsame Frau* do compositor Richard Strauss, cujo texto era de autoria do autor judeu foi estreada em Dresden. Como escreve Donald Prater<sup>10</sup> na biografia *Das Leben eines Ungeduldigen* o autor “ficou entre as trincheiras”. Os nazistas o desprezavam e os seus leitores, muitos judeus, viram a estréia como uma colaboração com o regime nazista. Outras obras de sua autoria também geraram polêmica, como a biografia *Maria Antonieta*, da qual exigia-se um painel da Revolução Francesa não realizado na obra. Para o público brasileiro sua obra mais polêmica é sem dúvida o conhecido *Brasil, país do futuro*.

O ensaio *Pequena viagem ao Brasil* escrito em 1936 foi a base para o livro *Brasil, país do futuro*. Em 1937, ao tomar conhecimento do referido ensaio, Abraão Koogan pediu a Zweig o direito de publicação deste, fato registrado em cartas. Recebeu, porém, uma resposta negativa. O autor revelou então a pretensão de ampliar o ensaio, transformá-lo em livro, o que veio a acontecer em 1940. Visitou o Brasil de agosto a janeiro de 1941, quando partiu para Nova Iorque onde a obra foi concluída. A primeira publicação no Brasil aconteceu em julho do mesmo ano pela Editora Guanabara com tradução de Odilon Galloti. Ao mesmo tempo o livro foi editado em inglês (EUA e Inglaterra), em francês, em alemão (Estocolmo) e em espanhol.

As circunstâncias em que a obra foi escrita são de suma importância para compreendermos a recepção da crítica e dos leitores da época. Em setembro de 1940 o casal Zweig viajou para a Argentina e para o Uruguai onde o autor proferiu várias conferências e recebeu o visto permanente no Consulado Geral do Brasil em Buenos Aires. Este fato rendeu amplas discussões na imprensa e os ecos recaíram sobre *Brasil, país do futuro*. A obra foi vista como um pagamento pelo visto, feita sob encomenda pelo governo Vargas. O prefácio à edição brasileira, escrito por Afrânio Peixoto, é uma

---

<sup>9</sup> SCLIAR, Moacyr apud GEIGER, Paulo. (Org.). **Stefan Zweig no país do futuro**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1992, p. 50.

<sup>10</sup> PRATER, Donald A. **Das Leben eines Ungeduldigen**. München: Hanser Verlag, 1980, p. 319.

grande defesa do autor em função destas críticas. Cito: “Não quis nada... nem ajuda de custos, nem hospedagem oferecida, nem recepção, nem conferências, nada”.<sup>11</sup>

Positivamente a obra é citada como “linda biografia do Brasil”,<sup>12</sup> “declaração de amor a nossa pátria”,<sup>13</sup> “o maior hino que se compôs à terra de Vera Cruz”,<sup>14</sup> mas os jornais da época não pouparam críticas, não somente pelas circunstâncias em que foi escrita, mas também pelo seu conteúdo. Alberto Dines, em *Morte no paraíso*, trabalho que veio preencher uma lacuna deixada pelas biografias do autor em relação a sua vida no Brasil, faz um amplo panorama destas críticas. Como campeão de retaliações Dines cita o jornal *Correio da Manhã* com vários artigos. No dia 6 de agosto de 1941 o jornal publicava o artigo “Os milhões de Zweig” escrito por Costa Rego, que insinuava o comercialismo de Zweig. No dia seguinte o mesmo Costa Rego escreve o artigo “Voltando a Zweig”, em que numera os exageros de Zweig ao falar da paixão do povo pelos jogos. Para finalizar no dia 8 de agosto consta o artigo “Interpretações abusivas” que condena o autor por acreditar e relatar que o brasileiro após receber o salário falta ao trabalho, fazendo uma alusão à preguiça nacional. No mesmo jornal Carlos Maúl também no dia 8 de agosto assina o artigo “Um livro mau”, no qual fala de imprecisões históricas, equívoco, um livro tendencioso. Duas semanas depois o mesmo Carlos Maúl volta a criticar com o artigo “O Brasil não gosta de Música”. Dines cita também o Jornal Diário de Notícias, em que Newton Braga fala de *Brasil, país do futuro* como arte com função, um livro que desagrade e satura por ser extremamente repetitivo.

Para Dines,

*Brasil, país do futuro*, com seus erros, super e subestimações, desvios e superficialidades, é um plano-diretor para uma civilização brasileira. Proposta de utopia, levando em conta as deficiências que seu olho crítico percebeu e sua alma generosa simplifica. É a tal visão mágica a que se referiu (Zweig) em conferência da Academia, em 1936.<sup>15</sup>

A crítica da época, conhecedora da ideologia humanista e pacifista do autor revelada no drama *Jeremias* (1917), em muitas obras da época entre guerras como *Joseph Fouché – retrato de um homem político* e *Castellio contra Calvino: uma*

<sup>11</sup> PEIXOTO, Afrânio apud ZWEIG, Stefan. **Brasil, país do futuro**. Tradução de Odilon Galloti. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 7.

<sup>12</sup> DINES, Alberto. **Correio da Manhã**, São Paulo, 12 de agos. de 1942.

<sup>13</sup> PEIXOTO, Afrânio apud ZWEIG, 1981, op. cit., p. 5.

<sup>14</sup> SOUZA, Cláudio de. **Jornal do Comércio**, São Paulo, 4 de abr. de 1942.

<sup>15</sup> DINES, Alberto. **Morte no paraíso**. A tragédia de Stefan Zweig. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 298.

*consciência contra a violência* e, mais tarde, nos ensaios *A desintoxicação moral da Europa* e *Para os que não podem falar*, este último escrito para a Rádio de Paris em 1940, não perdoou Zweig pelo seu silêncio em relação à ditadura Vargas. Os leitores de seus ensaios e biografias procuraram em *Brasil, país do futuro* o mesmo tom de denúncia que conheciam das obras anteriores. Pelo fato de ser um ensaio e não uma obra fictícia, expectativa criada por um conhecimento de obras mesmo gênero, cobraram também referências históricas e realistas. Zweig chegou ao Brasil em pleno Estado Novo. Em 1936 encontrou “uma ditadura disfarçada”, como avalia Dines. Já na segunda estadia a encontrou escancarada; e Zweig a percebeu, porém seu olhar estava carregado da realidade européia. Na introdução ao livro escreve: “E hoje, que o governo é considerado como ditadura, há aqui mais liberdade e mais satisfação individual do que na maior parte dos nossos países europeus”.<sup>16</sup>

No ensaio *O olhar do estrangeiro* Nelson Brissac Peixoto ao analisar a perspectiva do olhar estrangeiro, recurso recorrente em narrativas e filmes americanos recentes, afirma que aquele que não é do lugar, que acabou de chegar, é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber. O olhar estrangeiro resgata o significado que tinha a mitologia antes de ser esvaziada pela repetição infinita de imagens no pós-modernismo. Ele é capaz de olhar as coisas como se fosse pela primeira vez e de viver histórias originais, de contar histórias simples respeitando os detalhes. O recurso do olhar estrangeiro traz para o centro da estética uma nova questão: a da inocência. A pergunta levantada por Peixoto “A estes exilados interiores só restaria então o estranhamento?”<sup>17</sup> é válida também para o caso da obra de Zweig.

O autor olhou o Brasil com a inocência de quem olha um mundo novo pela primeira vez, a sua perspectiva era bastante diferente da perspectiva do leitor brasileiro. Alberto Dines comenta que Zweig certamente não leu *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre, nem *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, obras editadas na mesma época que *Brasil, país do futuro*. Onde Zweig buscou então as informações para o ensaio? Para Dines o autor era um típico *traveller* vitoriano, cronista de lugares e povos na melhor tradição impressionista do *fin-de-siècle*. Partiu de suas viagens, suas impressões para compôr o seu livro. Na introdução ao ensaio *Pequena viagem ao*

---

<sup>16</sup> ZWEIG, Stefan. **Brasil, país do futuro**. Tradução de Odilon Galloti. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 8.

<sup>17</sup> AGUIAR, Flávio; et al. **O Olhar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988, p. 364.

*Brasil*, Zweig declara ser este texto um pequeno curso de informação sobre o Brasil para os leitores europeus. As partes do ensaio estão completas dentro de *Brasil, país do futuro*, sem modificações, porém a introdução foi modificada. Zweig não fala mais do leitor previsto, mas do que o levou a escrever a obra. Se considerarmos, portanto, o leitor previsto pelo autor no primeiro texto e o leitor que realmente teve acesso à obra terminada constatamos que estes são de realidades totalmente diferentes e mantêm assim expectativas diferentes em relação ao conteúdo do livro.

A visão do viajante é também explorada por Sandra Jatahy Pesavento.<sup>18</sup> Ela analisa o olhar desde fora a partir do estranhamento, abordando uma retórica da alteridade e da construção do outro dentro de *Brasil, país do futuro*, no ensaio *Uma janela para a história*. Para Pesavento o horizonte de referências do autor é bastante diferente do horizonte de referências do leitor brasileiro. Ao construir o Brasil pitoresco, a natureza exuberante, a civilização pacífica e humanista, Zweig acrescentou à imagem do Brasil sua bagagem cultural, conferindo ao país um algo a mais que faz rever seus próprios conceitos e valores. Zweig não “enxergou mal” ou anunciou o Brasil do futuro que nunca existiu: suas referências foram outras e essas referências norteiam a alteridade anunciada no texto.

Fato é que o leitor brasileiro não deixou de ler Stefan Zweig. Em fevereiro de 1942, data do suicídio do casal Zweig em Petrópolis, *Brasil, país do futuro* alcançou o número de 100.000 exemplares vendidos.<sup>19</sup> O trágico fim do autor comoveu o Brasil. A Editora Guanabara lançou em 1953 as *Obras Completas* de Stefan Zweig em 20 volumes e três anos mais tarde uma segunda edição desta vez em 16 volumes. A Editora Delta colocou no mercado no ano de 1963 outra *Obras Completas* em 10 volumes.

As décadas de 30 e 40 foram marcadas pela consciência do subdesenvolvimento, surgiam obras como *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado, que expunham as malezas nacionais acumuladas ao longo dos quatrocentos anos de exploração. Neste contexto a visão positiva do Brasil exposta por Stefan Zweig não foi aceita pela crítica. Apesar da polêmica o editor Abrahão Koogam relata “Zweig vendia

---

<sup>18</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Stefan Zweig: ein Blick auf die Geschichte. In: CHIAPPINI, Ligia; ZILLY, Berthold. (Hrsg.). **Brasilien: Land der Vergangenheit?** Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 59-65.

<sup>19</sup> SCHWAMBORN, Ingrid. **Die letzte Partie**. Bielefeld: Aisthesis Verlag, 2000. p. 90.

como pãezinhos frescos”.<sup>20</sup> Se a polêmica impulsionou a venda ou se os leitores brasileiros sentiam-se atraídos pelos elogios a sua pátria é uma incógnita. Se as condições de produção literária eram difíceis no exílio, pela perda do público leitor, pela língua, pela falta de bibliotecas e pela pressão da Segunda Guerra Mundial, para Stefan Zweig as condições de edição de suas obras eram privilegiadas. Lembremos que também aqui no Brasil as teorias raciais tornaram-se muito divulgadas nesta época. Em 1941 um decreto proibiu o uso da língua alemã em público, em consequência foram fechados os jornais e editoras. Muitas obras escritas por exilados aqui no Brasil foram publicadas apenas após o término da guerra. As obras de Stefan Zweig, porém, de fácil aceitação do público, eram imediatamente traduzidas e impressas.

Antes de falecer Zweig deixou ainda aos seus editores, no Brasil e em Estocolmo, originais da *Schachnovelle*, sua última obra. Editada no Brasil pela primeira vez em 1942 pela Editora Guanabara sob o título *A partida de xadrez*, esta novela se tornaria, anos mais tarde um clássico do próprio gênero. O sucesso de *Xadrez*, título que recebeu na tradução mais recente, e sua repercussão exitosa são uma confirmação de que Zweig soube fazer da miséria uma virtude, em termos da consciência a cerca de suas condições de produção, e de seu enfrentamento corajoso, ao menos do ponto de vista literário.

Stefan Zweig voltou às livrarias brasileiras na década de 80, após a publicação de *Morte no paraíso* de Alberto Dines com novas edições de algumas de suas obras, desta vez pela editora Nova Fronteira. A década de 90 foi marcada por vários eventos em homenagem ao autor aos 50 anos de sua morte. Em fevereiro de 1992, ano em que a novela *Xadrez* passou na Alemanha a marca de um milhão de exemplares vendidos, realizou-se na cidade de Salzburgo na Áustria o ‘Primeiro Congresso Internacional Stefan Zweig’. No mesmo mês a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em conjunto com o Instituto Goethe, promoveu a ‘Semana Stefan Zweig’ com várias exposições. Em 1993 o leitor tem acesso a um novo volume, desta vez contendo as novelas *Amok e Xadrez*, esta última sob novo título, e Fragmentos do diário do autor editado pela Nova Fronteira. Dois anos mais tarde é lançado no Rio de Janeiro o filme *Stefan Zweig – morte em cena*, de Sílvio Back.

---

<sup>20</sup> Cf. SCHWAMBORN, Ingrid. Stefan Zweigs ungeschriebenes Buch: Getúlio Vargas. In: EICHER, Thomas. (Hrsg.). **Stefan Zweig im Zeitgeschehen des 20. Jahrhunderts**. Oberhausen: Athena, 2003.

As leituras mais recentes da obra *Brasil, país do futuro* divergem das leituras negativas realizadas pela crítica da época de lançamento do ensaio, mas também não aceitam mais pensar esta obra apenas como uma declaração de amor ao nosso país, como já vimos nas interpretações de Alberto Dines e Sandra J. Pesavento. Na leitura de Dines *Brasil, país do futuro* postula uma utopia. Na de Pesavento, recuperar as representações construídas no passado sobre o Brasil é inseri-las num debate bastante atual de identidade nacional e postula ver no que se chamou de visão do outro uma face de nós mesmos. Nos textos de Marco Aurélio Garcia “Brasil o país do futuro” e Erwin Theodor Rosenthal “Stefan Zweig: visões de uma terra prometida”, publicados no jornal *O Estado de São Paulo* em 24 de agosto de 1991, o tema do futuro do Brasil apresentado na obra de Zweig se coloca como questão premente e complexa. Premente porque se não for enfrentada não haverá mais futuro e complexa porque exige uma reflexão profunda sobre o Brasil que realmente existe por trás dos cenários de cordialidade e conciliação que fascinaram o autor. Repensar o Brasil do futuro é repensar a democracia e os valores da nação.

Dentro deste contexto as obras de Stefan Zweig se atualizam e chegam à virada do século com mais uma nova edição, desta vez pela Editora Record. A partir de 1999 foram lançados *O mundo que eu vi*, a biografia *Fernão de Magalhães*, os ensaios *Momentos decisivos da humanidade*, as novelas *Amok*, *Xadrez* e *Medo*, todas com novas traduções. *Lost Zweig*, filme produzido por Sílvio Back pôde ser assistido em 2004. Na literatura surgem obras que dialogam com *Brasil, país do futuro*. Em *Admirável Brasil Novo*, de Ruy Tapioca, romance distópico que projeta um Brasil com um futuro negativo, no ano 2045, tendo como cenário o Rio de Janeiro poluído e destruído pela modernidade, a obra de Stefan Zweig é recuperada pela personagem Lázaro que a lê e reencontra nela os valores da civilização brasileira.

As leituras variadas não coincidentes apontam para um texto que permite múltiplas interpretações, renovações realizadas pelos diferentes leitores. Elas nos permitem identificar um leitor ativo ao entrar em contato com o texto, que cria expectativas, preenche vazios (Leerstellen), ativando sua imaginação e criando assim novos sentidos para o texto.

## O leitor implícito em *Brasil, país do futuro*

Segundo Vicent Jouve o texto recebido fora de seu contexto de origem se abre para uma pluralidade de interpretações, cada novo leitor traz consigo sua experiência sua cultura e os valores de sua época.<sup>21</sup> Para Iser os repertórios do texto e do leitor devem sobrepôr-se. Toda vez que o leitor se deparar com trechos que lhe apresentem indefinições, fatos obscuros a sua compreensão, ele procurará confirmar ou não suas expectativas a partir de seu próprio repertório interagindo com o repertório do texto. Neste sentido Iser afirma que a obra literária provoca efeitos (Wirkungen) no leitor. Considerando ainda que para Iser a introdução de vivências e compreensões previamente constituídas pelo leitor na leitura não é aleatória, mas resultado de uma estrutura textual, de um papel oferecido pelo texto ao leitor, vemos que todo o texto mantém um leitor implícito. Então, para compreendermos o efeito que a obra provoca em seu público brasileiro é necessário analisarmos esse papel oferecido pelo texto *Brasil, país do futuro* ao leitor.

Como percebemos até aqui, foi grande a repercussão da obra de Stefan Zweig no Brasil. A análise que a seguir apresentaremos tem o objetivo de identificar o conjunto de instruções textuais propostas pelo autor implícito ao leitor, que nos possibilitará compreender os efeitos da obra e sua atualidade.

A escolha do autor por um objeto de discurso como o Brasil, um país real já identificado no título, gera no leitor a expectativa de um discurso histórico, do qual exige-se referencialidade. Esta expectativa de referencialidade é acentuada quando lemos a introdução, na qual, apesar de já anunciar sua falta de conhecimento sobre a realidade e a vastidão geográfica do país, o autor propõe-se a realizar um texto de informação sobre este país. As expectativas de verdade geradas pelo peritexto e pela escolha do Brasil como objeto do discurso, porém, não se confirmam no texto. Vejamos o parágrafo inicial do capítulo histórico, o primeiro do livro.

Durante milhares e milhares de anos, jaz incógnito e anônimo o gigantesco território brasileiro com suas florestas verde-escuras e sussurrantes, suas montanhas e seus rios e seu mar ritmicamente sonoro. À tardinha de 22 de abril de 1500, de repente aparecem no horizonte algumas velas brancas;

---

<sup>21</sup> JOUVE, Vicent. *A leitura*. São Paulo: Unesp, 2002. p. 24

caravelas bojudas e pesadas, com a vermelha cruz portuguesa...<sup>22</sup>

Neste curto trecho já é possível identificar um forte caráter narrativo. O narrador-autor relata a chegada dos portugueses revelando detalhes dúbios como o momento exato da chegada, inclui suspense ao fazer uso de expressões como “de repente”, enfim, comporta-se como um contador de histórias. A história de Cabral recebe o tratamento de uma fábula ou uma novela. Ao continuarmos a leitura descobrimos as diferentes versões da história do descobrimento, neste relato o narrador levanta hipóteses, analisa o discurso de cronistas da época, analisa a imagem do Brasil perante os seus descobridores fazendo referência à presença do Brasil no poema *Os Lusíadas* de Camões, relata a presença dos Jesuítas no Brasil retomando palavras de Euclides da Cunha “[...] os únicos homens disciplinados de seu tempo”.<sup>23</sup> O leitor é instigado a participar através de hipóteses levantadas, que não são negadas nem confirmadas, por perguntas incluídas no texto, por referências a outros textos. O leitor é assim arrastado para dentro da movimentação do pensamento do narrador-autor, neste movimento o leitor é instigado a fazer suas próprias opções.

Em muitos momentos o autor utiliza-se também de antecipações de temas e personagens que só são desenvolvidas adiante criando já novas expectativas no leitor. Ainda no trecho acima citado percebemos o uso de expressões como “florestas verde-escuras e sussurrantes” e “mar ritmicamente sonoro”, que apelam para os sentidos do leitor. Como percebemos, são vários os elementos que incluídos no início do texto quebram as expectativas de realidade e provocam no leitor a dúvida: podemos aceitar como verdadeiros os aspectos do mundo real que o autor assume como verdadeiros?

O espaço brasileiro é um espaço idealizado, visto como paraíso, Eldorado e sua construção dentro do texto está intimamente ligada às personagens que fizeram parte de sua história, àquelas que não se deixaram deslumbrar simplesmente pelas belezas e riquezas oferecidas pelo país, mas que trabalharam, ou tencionaram o crescimento das futuras gerações, como no caso dos Jesuítas. A diferença da atitude dos colonizadores e destas “figuras humanistas” destacadas por Zweig perante a natureza é fundamental para o desenvolvimento do país, na visão do autor. Enquanto os colonizadores,

---

<sup>22</sup> ZWEIG, Stefan. **Brasil, país do futuro**. Tradução de Odilon Galloti. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 19.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 30.

mantendo a imagem do Brasil como paraíso ou Eldorado, procuram dominar o espaço e a natureza, os Jesuítas procuram transformá-lo numa pátria (Heimat). O narrador-autor empresta ao sujeito brasileiro uma conotação de herói, que mantém defeitos como o gosto pelo jogo, mas que adquire uma grandeza inalcançável por seu caráter pacífico amplamente desenvolvido no capítulo Civilização.

Quer parecer-me que essa delicadeza do sentimento é talvez a qualidade mais característica do povo brasileiro. Os indivíduos não necessitam aqui de tensões veementes e violentas, de êxitos visíveis e aproveitáveis para estarem satisfeitos... Os indivíduos aqui não querem muita coisa, não são sôfregos... Aqui a vida em si é mais importante que o tempo.<sup>24</sup>

O segundo capítulo da obra, dedicado à economia do Brasil, tem fortes características dramáticas. Os diferentes ciclos da economia são apresentados como atos de um mesmo drama, o da povoação das diferentes e muito distantes regiões do país. Cada ato tem o seu início com a descoberta de uma nova possibilidade de produção, a corrida em busca do seu desenvolvimento e a queda pela superprodução ou esgotamento. O caráter dramático está explicitado no relato da corrida pelo ouro, dividido em quatro atos. No terceiro ato o drama já adquire caráter de tragicomédia e podemos prever o fim de mais este ciclo. À medida que o discurso, que nas nossas expectativas iniciais se realizaria como um discurso histórico, passa por um tratamento narrativo, em seguida dramático e tragicômico, introduz o questionamento em torno dos gêneros literários incluindo o ensaio de Zweig numa discussão bastante atual em torno do ensaio como gênero literário, desde o seu surgimento com os *Essais* de Michel de Montaigne.

Até aqui analisamos aspectos que distanciam o discurso do texto *Brasil, país do futuro* do discurso histórico, há, porém, muitos aspectos que podem aproximá-lo deste. Além de muitos referenciais históricos, há referências temporais à era de Getúlio Vargas, e principalmente em muitos trechos o narrador exige que o leitor se afaste do enredo, da história e descrição do Brasil, para reflexões históricas.

A História, quando quer realizar uma idéia, gosta sempre de afastar-se do plano que o homem traçou e de seguir o seu próprio caminho, e assim ocorre também desta vez.<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> ZWEIG, Stefan. **Brasil, país do futuro**. Tradução de Odilon Galloti. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 123-125.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 83.

A contraposição de elementos característicos do discurso histórico e outros do discurso narrativo e dramático colocam o leitor numa posição privilegiada para, a partir de um passado como percebido pelo humanista autor, construir uma nova imagem do país, imagem que passa pelo imaginário. O caráter futurista da obra e os espaços que o narrador-autor concede ao leitor dão abertura para novas leituras e interpretações. O leitor brasileiro, se aceitar, portanto o jogo proposto pelo autor dentro de seu texto, assume este papel privilegiado de ver, através dos olhos do autor, um passado que se opõe ao passado de guerras na Europa, e constrói assim um futuro desejado. Vista no conjunto, a obra *Brasil, país do futuro* é uma obra primada pela estética, o sonho, a imaginação, é a projeção de uma terra idealizada, uma utopia que nos faz rever conceitos de desenvolvimento e civilização e buscar novos valores, como o próprio autor propôs na introdução à obra.

O leitor que, como a personagem Dr. B, de *Xadrez*, apresentada no início da presente análise, conseguir aceitar o jogo proposto no texto, mesmo que este destrua suas expectativas iniciais, e obter daquele texto que a princípio lhe parecer incompreensível um sentido a partir de seu próprio repertório, sobreposto ao repertório interno ao próprio texto, será levado a jogar partidas imaginárias, construir novos sentidos e descobrir assim um novo mundo.